

# As luzes se apagam mais uma vez

*As luzes se apagam mais uma vez* – Luizza Milczanowski

**Biografia da autora:** Estudante da UFRJ.

**Resumo do texto:** Eles dialogam na madrugada enquanto observam as luzes dos prédios que se apagam.

Eu tenho é medo da noite que me impede o sono. A noite que não me deixa dormir pelas angústias erradas. Eu olho para você por um momento. A noite é alta como são altos os prédios de luzes que se apagam, uma a uma. A madrugada me deixa confusa, quero te dizer, porque não sei o que é hoje ou amanhã. E há nela uma liberdade que me permite ser o que não se pretende no céu claro, e tenho um medo do medo futuro, porque agora eu seria capaz de te dizer o que não direi daqui a algumas horas. O que escrevo são como meus pensamentos, só que piores. Agora eu seria capaz de dizer quase como que escrevo. Digo, assim, numa liberdade de estar. Mas vê como é perigosa.

A madrugada, indaga.

Não, respondo, a chegada da manhã. Estou perdida em meus pensamentos e é confusão que vai gradativamente piorando na escrita e em você. Tenho receio de estar aqui com você, com esse amor que se estende entre nós, e que, entretanto, é só meu.

Mas você não dorme.

É um não dormir constante.

Meu sofrimento, continuo, não deveria te fazer sofrer.

Pausa.

Não sei com quem falo. Às vezes, falando com você, não sei mais com quem estou falando. Fico confusa. Outra luz se apaga. Vê, digo, outra luz se apaga.

O que há tanto nas luzes. O que há tanto em seus olhos de menina. Deixa-me ver. Olhos bem escuros, sardas, olheiras. Mas tudo muito pequeno. Suas mãos e seus lábios. O que há na luz, na madrugada e em seus olhos

Há medo de que apaguem.

Acho, minha menina, que você tem medo do fim dessa infância que não existe mais. Você é uma criança numa infância apagada. A criança da infância apagada. Finda. Uma infância que talvez jamais tenha sido.

Mais uma luz se apaga. 02h12min.

Por vezes, há o medo atroz da não consciência. Os olhos vão se cerrando, a mente pisca, como uma lâmpada prestes a queimar, e o pânico não permite que o sono chegue. A insônia é minha amiga mais fiel nesses dias vazios. Vazios. Quais não o são? Só há solidão quando observo você.

Volto a falar.

Talvez, sim, você tenha – não razão, mas – verdade. A razão só tem espaço no céu claro. Dentro de mim, ainda sou muito pequena, mas foi sempre pequena que enfrentei o mundo. Também que estive no mundo. Não soube estar de outro modo, e me sinto ainda muito diminuta. Hoje, vi pequenas veias em minha perna e me perguntei se um dia suportarei ser adulta. Um dia me exigirão ser gente grande.

E o que você fará, pergunta.

Silêncio por um momento.

Deixo que esse silêncio se imponha por um instante, que ele exista. Deixo que só se ouça esse silêncio da madrugada, próprio, próprio dela. Em outro espaço-vida, alguém levanta para ir ao banheiro. Barulho de descarga.

Ainda não conheço a resposta, digo. É muito difícil agora dizer. Sempre acreditei que fosse nada. Eu sou um espírito livre sem rótulos, sem idade, eu dizia. Mas não tenho mais certezas. Talvez seja uma pessoa cansada. Uma escritora que não escreve. Uma menina-criança que chora e grita e se enche de silêncio. Somos muito e muito pouco. E toda essa vida e esse cotidiano e esse vai, abre código, fecha geladeira, faz conta, paga o ônibus, compra saia. Vê. Gosto de ter livros, de ter pensamentos e também de muitas vezes não tê-los. Gosto da minha caneta e de sentar no gramado. Tenho muitos defeitos e não me livraria deles. Ouço música e leio versos, que fazem meu coração se encher de uma ternura que só me proporciona a arte. Meus olhos se enchem de lágrimas, que transbordam em meu papel. Eu gosto de cheiros e de cores. Eu gosto de amar, e aceito o sofrimento também com amor. Eu gosto de correr. Eu não gosto de sujar meus pés. Eu vejo essas luzes que se apagam. E agora mais uma acaba de se apagar. Eu sofro. Sempre. Por tudo, por todos. Abraço e beijo meus livros. Me sujo. De tinta, de lama, de saliva. E quando escrevo são pedaços meus que escarno.

E você escreve sobre mim, pergunta.

Até quando escrevo sobre você, falo sobre mim. Só sei doar pedaços meus. O que escrevo sobre você não existe. Existe o que eu criei de você. Por vezes, quando escrevo, não sei que pedaço seu está dentro de mim ou o que você é. É o mundo Como expressar com palavras um mundo repleto de palavras e tão vazio Mas ele está todo dentro de mim.

E dói, pergunta.

Dói. Não poderia não doer. Dói uma dor minha. E eu preciso dela. Escreveria com, por e apesar de qualquer dor. É a dor que me faz escrever. Sem a dor, não há nada. Sem a escrita, eu não poderia ser. Não sei estar no mundo sem a escrita. Menos do que sem ser pequena. Sou escrita.

Você pode ser uma escritora pequena. Você sorri.

Sou aquela que escreve. É melhor do que “escritora”. Sou aquela que escreve.

Hoje não sinto ódio brando de você. Hoje só quero ficar sentada.

Vendo as luzes?

É de te amar tanto que me vem esse ódio.

Sim, as luzes que se apagam.